



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALÉS DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCRIÇAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



ONTEM, SOMBRAS NEGRAS PARA A SOCIEDADE E VIDAS NEGRAS SEM ESPERANÇA. HOJE, À SOMBRA DO «CALVÁRIO», CAMINHAM AO SOL, CONFIANTE PARA A VIDA.

## Tribuna de Coimbra

Era logo de manhãzinha. Ambos seguíamos o mesmo carreiro que nos leva à encosta do ribeiro seco. Ele ia à frente, descalço por entre as pedras e silvas que cercam a estreita passagem de piso duro, boné branco muito gasto, enxada ao ombro, na mão um molho de tronchuda para plantar, o peito metido pelas costas dentro, cara e aspecto de muito sofrer, ar triste e sombrio. A certa altura parou e esperou por mim: Senhor padre, queria pedir-lhe se nos dava alguma coisita.

Parei também e começámos o diálogo. A mulher abandonou-o há semanas e amigou-se com o gaijo do carvoeiro. Ele, um doente crónico, sem orientação e sem rasgo, ficou com os três filhos que andam na escola.

Naquele dia o seu olhar era mais triste que nunca. A história da sua vida familiar bailou em todo o meu ser: vi a morte de muitos filhos pequeninos sem ninguém saber a causa; vi o garrafão que continuamente anda a caminho da venda quando há dinheiro; vi os filhos fugitivos a espreitar às esquinas dos largos e a atirar pedras aos cães. Vi a ele e à mulher cambaliarem ladeira acima; vi-os zangados e a ofenderem-se um ao outro na presença dos filhos.

Continuarei o meu caminho e esta foi a minha refeição de todo o dia. Refeição feita não só da história desta família, mas de outras famílias sem conta. Muitos gaijos carvoeiros a amigarem-se com as mulheres dos outros. Muitas senhoras donas fulanas de tal a abandonarem lares, filhos e maridos e a juntarem-se com senhores fulanos de tal. Muitas vendas aher-tas todo o dia à espera do garrafão que vai envenenar a família inteira. Muitos largos coalhados de pequenitos que atiram pedras e quebram vidros, porque não têm casa, nem ambiente, nem pais em condições. Mastiguei a necessidade de mais Casas do Gaiato instaladas em ambiente sério e trabalhador para dar a mão aos filhos destes lares ensanguentados.

Em duas ou três vezes que tive de passar por uma das nossas praças encontrei grupos de rapazes e raparigas ajuntadigos, com roupas trocadas, a herrarem monossilabos e numa mistura despudorada a tomarem banho de pagode. Com cer-

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

# ÁFRICA

Se Deus quiser, vamos montar em Benguela a primeira oficina, a carpintaria, e apetrechá-la com máquinas. Pensámos e repensámos... e concluímos que é agora o momento, pois, além de começarmos já a formação profissional dos nossos rapazes neste sector, vamos ganhar nas obras da Aldeia o custo das ditas máquinas.

Este esforço de escalonar necessidades, apoiados em míngua de recursos, ajuda-nos a compreender as dificuldades que sofrem os planificadores das economias, principalmente nos países que ficam com os pés de fora se puxam o cobertor para o peito — e vice-versa.

O que, talvez, estes planificadores não tenham pensado é que o fixe em que hão-de assentar o seu trabalho (suposta a capacidade profissional, é claro!) se chama **Humildade e preocupação da Verdade**; e que só estas virtudes os podem libertar do terreno enganador que promete frutos imediatos e espectaculares.

Eu gosto muito dos homens que constroem para o futuro e têm força de alma para renunciar aos louros dos seus trabalhos. Apreende-se neles um sentido de eternidade que os torna vitoriosos sobre o tempo. Eles passam — a sua obra fica. E nela, fica gravada a memória deles para sempre.

São desta estirpe os heróis tão decantados dos tempos maiores da nossa História. Tão cantados... e tão pouco seguidos! E Deus sabe se a nossa fugaz grandeza não proveio da corrupção do espírito que os êxitos facilitam,

Continua na SEGUNDA página

## CANTINHO DOS RAPAZES

Quando alguém vem por aí fora ver os amigos, costuma dizer-se que «vem matar saudades»... Vem mas é avivá-las! Foi o que experimentei ao deixar Benguela para ir a Malanje; e o que tornei a sentir ao deixar Malanje para voltar a Benguela e o que sinto nestas vésperas de deixar Angola para regressar a Paço de Sousa.

Quem dera poderemos abraçar de uma só vez todos os que nos pertencem! Mas não é possível. O curso da vida vai-nos colocando um aqui, outro acolá. E para alguns vale o «longe da vista, longe do coração» — são os que nunca compreenderam ou não aceitam o amor que se lhes ofereceu; para outros a distância é a condição da tomada de consciência daquela oferta e o começo da retribuição.

Dos primeiros é de pôr em dúvida a sua inteireza, já sequer humana, porquanto

o amor que se lhes ofereceu, percebido ou não, aceite ou não, é uma realidade. E rejeitá-lo — uma injustiça, para a qual só o orgulho me parece ser explicação. Graças a Deus não pertence a este número a maioria de vós. E creio mesmo que a maior parte dos que fazem este grupo, Deus os fará ver um dia a injustiça cometida.

Mas são sempre alguns, bastantes — e a existência deles faz-nos pensar no mistério do amor que não é aceite e a entrar mais profundamente no Coração de Jesus que «amou até ao fim» e encontra tantos que rejeitam o Seu amor, o qual, aceite e correspondido na medida das nossas frágeis forças, é a Salvação para cada um de nós.

Sempre que queremos salvar e não salvamos; sempre que nos chocamos com

respostas tão diversas ao mesmo dom de amor — encontramos-nos pertinho d'Ele e ao mesmo tempo com a amplitude da acção do Demónio no mundo, o qual tão aberrantemente turva a inteligência e o coração dos homens que sem teóricamente o preferirem, praticamente não se agarraram a Jesus, «com unhas e dentes», e acabaram por ser levados para o mal.

Tudo isto me ocorre num momento em que às saudades de cá começa já a misturar-se o alvoroço do regresso e a propósito da série de falhanços que tem havido no Lar do Porto.

Surpreendeu-me o do Augustito. Confesso que esperei uma ressurreição depois que, há meses, ele reconheceu não singrar caminho seguro. Foi o primeiro

Cont. na TERCEIRA página



# NOTA DA QUINZENA

O «Caridade» foi um rapaz difícil. Não aguentou a simplicidade da nossa vida. E foi parar a determinado «reformatório», já reformado, mas cujas marcas ainda se notam.

«Caridade», todos os anos, em época de férias, prende a nossa atenção. Quando nos vê, ou quando o vemos, sua cara vibra em sorriso afável. É a curiosidade pela nossa Obra e pelos seus irmãos, é a saudade dos laços da família que somos. É a humilhação pelo mau passado. Enfim, um Homem que desabrocha, reconhecendo o fracasso — que lhe servirá, querendo Deus, para um grande êxito.

A manhã começara bem. Como devia ser. Como deviam ser todas... Tentei regressar a casa ou à praia. Era o pequeno almoço. Mas não. Senti dentro do meu peito um chamamento e fui em demanda do «Caridade». Ele é tipógrafo. E, sendo assim, procurei solicitar do porteiro me autorizasse visitar a tipografia... O pobre homem, de poucas palavras, senhor do seu lugar, limpava a portaria, de vassoura em punho. «É ali...», indica. Posso ver?, acrescento. «Bata à porta». Obedeci. E bati. A porta abre-se. Dobro a soleira. E qual o meu espanto, porém, surge nas minhas costas o «Caridade». O sorriso cativou-me outra vez. — Quero ver a oficina, disse. «Tenho que pedir ordem...» Foi num pé e veio noutro. Tão depressa! O sorriso dobrava. «Nós temos de pedir ordem...» Muito bem.

Visitámos todos os cantos da oficina. Ele era cicerone. Assim como em nossas Casas — ainda esteve o tempo suficiente para saber a lição — assim como em nossas Casas, digo, nos lugares onde exerce o seu trabalho exultava, mesmo, nos pormenores: «Vês estes espaços? Fui eu que as fundi». Abre caixas. E cavaletes. Muda prá «Monotype». Explica maravilhas. Chega a indicar últimas reparações: «Olha para esta peça!» O trabalho!...

Conversámos os mestres. Trocámos impressões. «Caridade» não deixou o selo da Obra. Continua gaiato! Mudámos de sítio. Pois quis visse todos os compartimentos da escola profissional. «Aqui é preciso cuidado. No meio de tantas escadas um estranho perde-se... Anda comigo». E fui. Era o meu guia. Estava ali por ele. Só por ele.

No andar de cima abriu a porta da sala de música. «Aqui está o meu instrumento. O som é uma maravilha...!»

Depois, indica o lugar mais santo da Casa. «É uma capela particular» — esclarece, como deve ser. Ajoelhámos os dois. Foi a hora mais alta. Os dois frente ao Mestre, escondido mas

vivo, no sacrário. Enquanto dialogava com o Senhor — a oração foi o meu companheiro — permanecemos ambos de joelhos. Minuto largo e alto. Um minuto de duas dimensões!

Mais adiante eram salas d'aula. Espreitámos. E fui elucidado; até de um colega encostado à parede, cabeça rapada, de livro na mão. E que belo livro! «Está de castigo...»

O nosso encontro estava a findar. Ainda procurei saber de uns quadros velhos, e belos, dispersos pela parede. «Caridade» tem resposta pra tudo — como os nossos cicerones.

Descemos a escadaria. E, no fim, regressámos ao princípio! Ele não perdeu nada de quanto a Obra da Rua dá a seus obreiros, a seus filhos — o espírito de família. E quanto o afastamento dela gera — saudade. Quer tornar. Regressar. Tornar a ser o que já foi e não deixou totalmente de ser — membro da Obra, filho de uma Mãe que fez seus os filhos de ninguém.

Estamos na portaria. Com a porta aberta! Sem porteiro! Suspirei, de mansinho. Silencioso. Pareceu-me ouvir a voz de Pai Américo clamar vigorosa-

mente contra grades e chaves e portas cerradas! Reconheci e compreendi melhor, então, a resposta do «Caridade» à pergunta minha sobre o dito irmão castigado, de cabeça rapada: «Fugiu. Andou por lá. Foi até Trás os Montes. Apareceu de novo e escreveu um bilhete. Quis tornar». Portas abertas!, suspirei de novo, em silêncio. E estacámos ambos a meio do portão. «Caridade» abraçou-me. Quase pousou a cabeça em meus ombros. E, enquanto o rapaz balbuciava um pedido, eu caía nos braços de Pai Américo. E, no bom exemplo que se me deparava, exclamei, por entre dentes, pra outros estabelecimentos do género: portas abertas, senhores! Com elas fechadas, em vez de homens que se gera? Revoltados. «Caridade» balbuciava, ainda. «Pede ao Sr. P. Carlos pra tornar pra lá. Eu estou bem. Mas tenho saudades de vós todos, de tudo, da nossa Obra». Ó despedida! O sorriso gelou d'emoção. Mas apertámo-nos num abraço mais quente. E ele continuava, na solidão da portaria: «Tenho saudades...»

Bendita hora. Bendito dia. Bendita Obra da Rua, cuja Vida vivifica todos quantos te amam ou queiram amar, verdadeiramente. «Tenho saudades...» Se Pai Américo, humanamente (ou qualquer um dos seus padres) ali fôsse não resistiria. Caía vergado, como eu caí, nos braços do «Caridade».

JÚLIO MENDES

# ORDINS

O Sr. P. e Aires, assim simplesmente designado, quem o não conhece de anos passados em «O Gaiato» subscrever numa crónica intitulada «Chales de Ordins», apregoando uma obra de Assistência social a uma população pobre, carecida de amparo por meio de trabalho remunerado?... Ali se sacrificou durante anos, perseverante na doação a um povo que tinha necessidade do seu sacrifício. Gente humilde e necessitada sob a sua orientação e guia começou a fazer chales e, mais tarde, toda a obra de tecelagem, malhas, etc., e eram encomendas que se solicitavam e vinham, por aquele veículo de «O Gaiato», de vários pontos do País. Conseguiu fundar de raiz, de pedra e cal, um lindo Centro de Assistência, para aquela povoação, sita perto do monte Mósinho, no concelho de Penafiel. Ali viveu, anos, a pobreza, a penúria

e a humilhação daquela gente. Lançou a Obra e alicerçou-a. Hoje, desde há três ou quatro anos, transitou como pároco para a paróquia de S.ta Maria de Vilar, concelho de Vila do Conde. Ali trabalha e luta pelo bem da Paróquia, não conseguindo sempre o acordo de todos na contribuição equitativa ao comum bem temporal e espiritual da família paroquial. Custa ser pároco. Mas o pároco que se vota, prudente e solícito ao seu povo, realiza obra que muitos no presente e todos no futuro abençoarão. Isto é apenas parte de um artigo que me veio parar às mãos, e porque nunca é demais exaltar as qualidades de quem tanto bem fez neste lugar, lembrei-me de o transcrever para «O Gaiato», fazendo dele o artigo desta quinzena, para que quem nos ler, compreenda melhor e ajude mais a Obra que tantos sacrifícios custou a este bom sacerdote que tem gasto a sua vida a bem dos Pobres. Em acto de reconhecimento resolver este Centro, levar a S.ta Maria de Vilar, em autocarro, todo o pessoal que trabalha nesta Casa, demonstrando-lhe mais uma vez que apesar de estar a trabalhar noutra paróquia, jamais será esquecido neste lugar de Ordins. É bom dizer que para este passeio, contribuíram já algumas pessoas de Lishoa.

M. A.

## TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da PRIMEIRA página

teza que os papás e as mães estariam também na praia, talvez a jogar a canasta ou a vida das amigas, sem se ralharem (ou até achando graça) com a gracinha dos filhos.

Diante de tudo isto, nós que somos pais de muitos filhos, ficamos sem saber que orientação lhes havemos de dar e preocupados se não estaremos nós ultrapassados e se não será todo este pagode a norma do mundo d'hoje?!...

O que nos vale é a resposta daquele homem, a quem a mulher fugiu para se amigar com o gaijo do carvoeiro, que nos vem pedir alguma coisita.

Esta coisita é também o nosso grito: necessidades de uma estrutura social capaz de remediar um mal velho, mas novo e cada vez mais vicioso.

Padre Horácio

# ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

levando a julgar-se salvadores do Povo aqueles que haviam começado na consciência de serem apenas instrumentos do Único em cujo Nome há salvação—O Senhor Jesus. Quando um homem se julga o salvador do Povo, já principiou ele próprio a perder-se... Aonde irá o seu Povo?... Talvez que o desastre de Alcácer-Quibir, na sequência das glórias de quinhentos, encontre por esta via uma explicação... Que Deus também entra na História!

Ora nós vamos ter uma carpintaria em Benguela. Vamos, porque temos já energia eléctrica à disposição. Cara, é certo! Tão cara que, montada a cabine e a rede interna e experimentada no primeiro mês, nos interrogámos sobre se não seria melhor ter ficado nos velhos motores a gasóleo, com o seu fraco rendimento

e as suas muitas avarias... É pena que a gente tenha de duvidar de uma escolha inteligente, só porque há energia a mais e consumo a menos e conceitos que interpreto de mesquinhos porquanto, em vez de fomentarem o consumo com um preço tentador, que hoje daria pouco lucro, mas já algum, e amanhã poderia compensar — preferem deixar seguir para o mar, virginalmente, a água que barraram sem proveito para ninguém.

É outra virtude de que carecem os planificadores das economias: Planificarem para o Bem Comum e procurem enquadrar nele, imune de contradição, o bem particular dos que se ocupam dos empreendimentos. Quanta pureza e liberdade isto exige, quando nos lembramos de que o mais comum é o contrário: planificar sob pressão de interesses privados e adaptar depois a Comunidade aquilo que se fez!

Portanto, embora cara a energia (como ela o é para todos!), neste terreno, movido dos relativismos, sempre valeria a pena a carpintaria, ainda que a nossa intenção ao montá-la não fôsse

primariamente criar uma escola de trabalho para os nossos rapazes. E vamos tê-la, se Deus quiser.

Quem dera que em Malanje pudéssemos fazer o mesmo! E que em breve, a par da boa estrada e do caminho de ferro que já há, nós víssemos uma linha a oferecer energia dos 5/3 da capacidade que ora sobram em Cambambe; a convidar os homens a estabelecerem-se ao longo dela com suas agriculturas e indústrias; e desafiar os industriais de tecelagem a instalarem ali, ali que é a capital angolana do algodão, uma grande unidade fabril que transformasse em pano a matéria prima que em volta se produz; a centrar ali, que é meio caminho desde Luanda à fronteira leste, tanta vida que estiola na dispersão de cá e na demasiada concentração de Portugal europeu... Quem dera!

Visado pela

Comissão de Censura





# Calvário

Nós vivemos dos sobejos dos outros. É Deolinda quem o diz juntamente com mi' escudos que nos manda. Vai migalha amiga que é o sobejo do que Deus me vai dando. Mesmo quem julgar que é dono absoluto dos seus bens engana-se. Aquele Deus me vai dando é a forma acertada de se julgar o valor do nosso haver. E só os que assim pensam andam com passo certo nas veredas do mundo. Até, normalmente, só estes reparam que na mesa lhes restam sobejos; que na dispensa, que no guarda-fato, que no Banco há coisas em demasia com que o mesmo Deus deseja prover à sobrevivência dos Pobres.

Pelo facto de sermos pobres, não queremos puxar para nós o que está na posse transitória dos outros. Pretendemos apenas afirmar que vivemos, não digo essencialmente, que o trabalho em nossas Casas é

também contributo precioso, mas grandemente dos sobejos dos outros. Nem doutro modo poderíamos sobreviver. Demais, inválidos — a maioria dos que vivem no Calvário! E não temos subsídio, de espécie alguma, mas também não o queremos, pois que, quem o dá não o sabe fazer, porquanto julga prestar favor quando apenas lhe é dada missão de distribuir o que não lhe pertence. Queremos viver à mercê dos sobejos, para sentir o bafio quente dos que dão com carinho o que julgam dispensável, já que Deus lhes deu possibilidade de colherem a alegria do repartir!

Este viver em pobreza tem os seus quês amargos; provoca horas dolorosas. Nós estamos até em uma delas! Mas quantas não há destas na vida dos Pobres! O seu viver é incerteza material prolongada pelos dias fora — se bem que, para

os que possuem fé, é confiança ousada no Pai dos Pobres. Foi atrevimento, enfrentar de mãos vazias a responsabilidade de recolher doentes abandonados em casa que vai ser deites enquanto viverem. E recebê-los — diz o mundo, que foi temeridade! Mas a vida dos Pobres é confiança ousada naquele que é Pai e Pai dos Pobres. E nós somos e queremos ser Pobres.

E a par dos sobejos há quem tire da boca para nos dar. Está aqui Criada de servir com uma nota muito trémula. Mais a Mãe de Oeiras, que tem vindo muitas vezes, mais a anónima da Rua das Papoilas.

O dar é um segredo tão íntimo, que raras vezes nos é dado conhecê-lo em toda a sua verdade. Maria Mancellos vem com 500\$00. Luisa com 20\$00. E com outro tanto a doente para doentes. Fernando com cem. E com a mesma quantia estão aqui Raúl, que é sempre em todos os meses, Maria Vitória, anónima de Carção, a mãe de sete filhos e duas irmãs muito amigas. O pessoal da lavanderia da Amadora com 30\$00. Pecadora com 20\$00. E também com 20\$00 Cândida, mais alguém de Monte Estoril e a assin. 32711. Da Casa da Rampa em Cascais 170\$00. Anónimo no Lar com 1.000\$00. Maria Azevedo com 50\$00. E com outro tanto Adelaide, alguém de Tomar, alguém em memória de Vienne, portuense qualquer e João mais Isabel de Espinho. Afilhado de Pai Américo com cem. No Espelho da Moda 70\$00. De S. Pedro do Sul 200\$00 para a cancerosa que veio do Porto. Da C. G. de Depósitos de Braga 40\$ que alguém envolve em muito amor. Por alma da mãe 50\$. V. P. de Tomar 500\$. Admirador com 30\$00. J. Pereira com dez vezes mais. Maria Antónia com mais uma ajuda para o carrinho que se comprometeu pagar. M. Isabel com 60\$00. Emília com cem. Amiga da Palhaça com 250\$. Por alma do pai, está aqui a filha muito amiga. De Rebordão 400\$00. De Coimbra, Beatriz com migalhas.

Carlos com 250\$. Mais uma nota de cem acompanhada de um sou pobre e doente e vivemos de pequena reforma. Grupo recreativo 6+7=13 com 57\$00. Assinantes com cem e cinquenta escudos. Maria Casal com cem. De Coimbra 20\$00. De Espinho 26\$00. Maria José com 150\$ e Isabel com 200\$. Promessa de cem. Roupas de Moçambique e da assinante 9841. F. A. L. com 50\$00. Outra promessa. Agora de 500\$00. Parte do vencimento deste mês — 500\$00. Outra Beatriz com 166\$00. Em acção de graças está aqui nota de mil. Alice com 200\$00. Em memória de Laura 200\$00. Berta do Porto com metade. Anónimo

As nossas obras são a nossa cruz!... Gastam-nos. Absorvem-nos. Dominam. Se não fora a força da exigência que em cada dia nos é posta já teríamos desanimado.

Os pedidos, de abandonados, chovem. Eu não sei como resolver tanta situação. Estou a chegar ao período escolar: Fiz promessas sem número. E agora? Lugar para eles? Sim, também é verdade em certos aspectos, que a «necessidade cria o órgão». Ela obriga-nos a caminhar. Não podemos desfalecer ou mostrar cansaço.

As nossas obras revestem-se de uma certa doença. Não ficam só nas realizações materiais. Fazem homens. Os homens fazem-se nelas. A boa equipa de pedreiros, rapazes nossos, têm-se feito homens fazendo as oficinas. E o meu trabalho e actividade aparentemente material, deixa de o ser, para me encontrar sempre numa tarefa de formação e educação. Educar na vida!... A vida é a grande escola. Foi a descoberta de Pai Américo!

A educação, nas Casas do Gaiato, é feita nas exigências da vida e com toda a verdade. A nossa doutrina de modo igual. É Vida e Verdade. E desafiamos quem quer que seja que venha ver.

Há dias, vieram contar-me de certos comentários sobre o modo de vestir dos vendedores: «Eles andam tão aseados é porque não têm necessidades». O meu amigo relatava-me a conversa num certo tom de tristeza e punha nela a repulsa da sua réplica: «Ide, lá acima, à Casa do Gaiato, e vede!...» Sim, vinde e vede... e... depois... comentei!

Formos antiquadas de enquadrar a assistência. Sempre em fórmulas de miséria!... Como será possível fazer homens em quadros de miséria?! Então não os arrancaríamos da rua!... Estamos habituados a ver as Casas de Assistência, sempre casas velhas, ambientes apertados, com aspectos decadentes!... Quantos ao entrarem na largueira do nosso pátio e ao observarem a limpeza, a limpeza e amplitude dos edifícios exclamam: «Eu pensava que a Casa do Gaiato era uns barracões improvisados e velhos!»

A Casa do Gaiato é precisamente o contrário de tudo isto. Uma palavra nova!...

Começamos as oficinas sem um tostão. O ano passado acabei o ano a dever... e muito. A Câmara de Setúbal deu-nos oitenta contos mas já lá vão umas centenas boas deles! O mundo não acredita. O mundo não tem audácia. Confia nele. Por isso perde a confiança. Com as Obras de Deus e do amor de Deus não é

com 500\$00. Irene com 60\$00 e Júlia com metade. Amigo do Porto com 50\$00 e J. Alberto com 40\$00. De Avança outro tanto. E Joaquim com 20\$00. Que Deus pague o repartir alegre.

P.e BAPTISTA



assim. Deus é Vida. A vida é para se viver. Viver é movimento, crescimento e confiança.

Um homem que se diz, seu fé, ofereceu-se para colaborar na electrificação das oficinas. Fê-lo com um certo acanhamento por se dizer ateu. O nosso coração abriu-se de par em par. É homem de boa vontade. Na boa vontade está a raiz da paz e nesta a semente do amor! No amor está Deus.

As oficinas estão nos acabamentos. São um monumento de coisas pequeninas mas grandes! Enchem-nos, absorvem-nos. Dominam. Mas são vida!...

P.e ACILIO

## Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA página

por quem me bati em Tribunal de Menores para o libertar segunda vez da miséria familiar, que, atingindo ele a idade de poder ganhar uns escudos, o veio tentar ao regresso. Depois, dei-lhe confiança, até à entrega da chefia do Lar. Foi-lhe dado o mesmo (até mais em estímulos!) do que a muitos que têm aproveitado. Ele não. Porquê? Porque seja mau? Porque tenha escolhido positivamente o mal?

Creio que por nada disso, embora tenha vindo dar ao mesmo ponto. A causa da sua decadência é só esta: falta de personalidade e não se ter agarrado a Jesus, nem mesmo quando reconheceu que não trilhava caminho inseguro. Resultado?... O que pode acontecer a qualquer de nós nas mesmas circunstâncias!

Dizem-me que se juntou ao Eurico, outro que foi falhanço ano e meio atrás, depois de muitas e sérias oportunidades que se lhe deram. Permita Deus que não sejam um para o outro, cego a guiar cego. Antes a distância em que se puseram lhes permita ver o dom que rejeitaram e o procurem finalmente em Jesus, o Mestre da «esperança contra toda a esperança».



O Cine Imperium do Lobito encheu. Como encheira, duas semanas antes, o Monumental de Benquela. O mesmo ambiente. Quente como o das festas familiares mais íntimas. Nada de barreiras a separar. A mesma alegria a todos contagiou, a todos uniu.

O que se passou no palco do Cine Imperium do Lobito encontrou eco no coração de todos os presentes. Por isso, com justiça, podemos dizer que a Festa foi de todos.

Para muitos, senão para a totalidade, foi uma surpresa. Não esperavam receber tanto dos nossos rapazes. Julgavam que iam simplesmente dar uma esmola, através do pagamento do bilhete de entrada.

Engano. Engano feliz. No fim, julgavam-se devedores. Admirados, à saída, confessavam haver recebido incomparavelmente mais do que haviam dado. E a prova real esteve nas capas negras, no fim do espectáculo.

Quem dá por Amor, recebe sempre mais do que aquilo que dá.

Tenho bem presentes as palavras de Pai Américo, depois das suas habituais visitas aos Pobres dos Barredos do nosso Portugal: «leveí tão pouco a casa deles (Pobres) e venho tão cheio!»

Esta realidade foi sentida por todos os que tomaram parte nas nossas festas. Esperamos que tenham sido um ponto de partida. Oxalá que dêem frutos para além. Somos fáceis em esquecer. Somos difíceis na perseverança. Dar a mão uma vez não custa muito. Custa imensamente mais segurar a mão estendida, enquanto os caídos não estiverem de pé.

Precisamos da vossa mão estendida. Sem ela não poderemos caminhar. Os quase 23.000\$00 que nos destes, no Imperium, foram para pagar as facturas de ferro da Casa-Mãe da nossa Aldeia.

P.e Manuel





# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA

● A crónica de Miranda do Corvo, vai mais uma vez apresentar as suas novidades.

Terminaram as praias. Agora começa uma vida de mais trabalho, pois ele está atrazado.

● **MINAS** — Já encontramos água com abundância na mina. Andamos agora a entulhá-las à padiola.

● **PORCOS** — Este ano fomos infelizes em porcos. Começaram a apanhar moléstia e uns senhores do Estado vieram cá e mataram-nos todos. Ficámos agora sem porcos em Casa...

● **AGRICULTURA** — Já se começou a desfolhar o milho, visto já estar maduro. Temos na terra do Ribeirinho milho atrasado e só agora o despontámos.

● **VINDIMAS** — Aproximam-se as vindimas. Os rapazes dizem coisas da vindima. É preciso saber-se esperar.

Nós cá em casa temos tanta maça que nem sabemos onde a devemos pôr.

● **FUTEBOL** — Os nossos rapazes andam desejosos por jogar. Os de fora não se aproximam, pois já sabem a rolha que levavam. Aguardamos que alguns grupos nos queiram visitar.

HENRIQUE CARVALHO

## PAÇO DE SOUSA

● A quem, generosamente, respondeu ao nosso apelo de ferros de passar, envio, em nome de toda a comunidade, os meus sinceros agradecimentos.

Dos quatro que vieram, apenas um era novo. O que não quer dizer que os outros, embora usados, não funcionem. Não! Funcionam e bem. O Manuel Augusto — que sugeriu o pedido — anda satisfeito porque, em vésperas de deixar a rouparia para ingressar na tipografia, deixou, aos seus sucessores, ferros em condições para poderem passar a roupa.

Pela satisfação e alegria que nos deram, uma vez mais o nosso muito obrigado.

● Procuram-se os «assassinos», é a legenda que acompanha as 30 fotografias (tantas quantos os tipógrafos) expostas na vitrine que serve para colocar os editais e onde todos os sábados parte da comunidade se dirige para saber qual a sua obrigação para a semana seguinte. O que a princípio pode ser tomado como uma coisa séria trata-se apenas de uma das muitas e variadas brincadeiras do nosso Zé Adolfo. Nós, que também lá figuramos, até já fomos procurados... Elas lá continuam mas, agora, sem legenda alguma. Pois, a princípio, houve mesmo quem nos tomasse por «assassinos»! Livre-nos Deus de tal nome!

● Como havíamos prometido, faremos, hoje, breve análise da actividade do nosso grupo de futebol. Num jogo-treino, disputado no campo Arquitecta Nascimento, do F. C. de Paço de Sousa, e após

excelente réplica, os nossos rapazes não conseguiram evitar uma derrota imposta pelo adversário. Com uma linha média boa e avançada de igual categoria, o Paço de Sousa impôs-se depois de estar a perder por 2-0 chegando ao final vitorioso, embora pela escassa margem de 6-5.

No segundo treino, disputado oito dias depois do primeiro, o F. C. de Paço de Sousa impôs nova derrota mas desta vez mais expressiva: 5-1! A falta de organização e desentendimentos vários, estão na base da pesada derrota sofrida pelo nosso grupo e fez com que os nossos jogadores jamais se encontrassem. O Paço de Sousa, com a linha quase completa que apresentará no campeonato regional da terceira divisão, jogou deliberadamente ao ataque sendo incontestável a sua vitória. Se é verdade que podiam ter marcado mais, não é menos verdade que nós o não merecemos também, pois fomos a equipa que mais ocasiões de golo perdemos por falta de objectividade dos nossos avançados.

● Nestas colunas, mais do que uma vez, foi pedida uma máquina de costura «que faz tudo». Dadas as condições precárias em que se encontram as actuais da nossa alfaiataria, e não oferecendo estas condições para que os nossos rapazes possam, um dia, ser bons e hábeis profissionais, resolvemos pedir directamente uma à OLIVA. Diga-se de passagem foi bastante simpática a maneira como nos atenderam. Mas ainda não fabricam máquinas industriais, para alfaiataria, claro. E continuamos sem a dita... Os alfaiates pulariam de contentes se os nossos amáveis leitores ajudassem a adquiri-la na «Singer» ou noutras casas de marcas adequadas. Confiadamente, deixamos à vossa conta a resolução deste problema.

● Eduardo Alcino — «Monotype» de apelido — é nosso há cerca de um mês — ficou sem país e, como tantos outros, passou a fazer parte da já numerosa família que é a Obra da Rua.

O primeiro dia foi difícil. Não queria, de maneira nenhuma, ficar. «Quero-me ir embora, pois aqui não me dou». Após breve diálogo, convenceu-se que, pelo facto de se não dar, tinha que ficar e habituar-se ao ambiente que é, com certeza, totalmente diferente daquele que deixou.

Casos como este há muitos e variados infelizmente! Para parte deles, a Obra da Rua continua a ser a solução, sem que ninguém de direito se debruce sobre tais problemas. Por isso nos regalamos ao ver «Monotype» saltando e brincando no meio daqueles que, como ele, encontraram a família há muito por eles procurada: A Casa do Gaiato!

● A propósito do incidente ocorrido em nossa Casa com um pseudo-grupo de Bem-Fazer, do qual demos, nestas colunas, conhecimento, recebemos da Comissão Central das Cruzadas de Bem-Fazer um amável ofício que já tivemos oportunidade de agradecer.

Porém, e a pedido da dita Comissão, cumpre-nos informar que o pseudo-grupo de Bem-Fazer não fazia nem faz parte das ditas Cruzadas que tanto honram a cidade Invicta. Ficam, pois, todos quantos pelo assunto se interessaram, devidamente esclarecidos, sendo ilibada de qualquer culpa a Comissão e todos os Grupos que dela fazem parte.

● Já aqui dissemos, e voltamos a repeti-lo: Agradecemos e estimamos muito todos aqueles que nos visitam. Se por um lado nos alegra e honra essa visita, por outro chocamos.

Temos, com abundância, uvas... Acontece que, aos domingos, alguns dos que nos visitam, (ai de nós se fossem todos!) resolvem, sem autorização de ninguém, vindimar as videiras. Ora isto, além do abuso pode trazer graves consequências para toda a comunidade da nossa Casa.

Como tal facto vem sendo já habitual, apelo para o bom senso e compreensão daqueles que nos visitam. Não todos, repito. Mas apenas alguns. Não porque nós, sendo solicitados, não dessemos um ou dois cachos. Isso seria o menos. Mas, quando colhem, é aos braçosados e... até para dentro do automóvel!...

● Apesar de toda a sua boa vontade, «Passos» (nosso cozinheiro) não consegue satisfazer parte da comunidade com suas «ementas». Não porque as não saiba fazer, (nós achamos que o que ele faz está bem feito) mas sim, segundo a sua versão, porque está só e não tem o material necessário para uma cozinha com tanto movimento.

Para quem, como eu, sabe o que custa a missão de cozinheiro, acha que tudo está bem. Porém, para aqueles que «faziam melhor», tudo está mal. O pior é que nenhum destes se oferece para a cozinha! E «Passos» lá continua, dia a dia, hora a hora, trabalhando com as facas «que comprei em Viana com o meu dinheiro pois aqui nem facas temos». Bem, se fossem só estes os males... Pior é quando «Passos» resolve deixar o fogão sozinho e vai jogar as pedrinhas!...

FAUSTO TEIXEIRA

## LAR DE COIMBRA

● Novo Ano Escolar — Depois de dois meses de repouso (somente nocturno) mais uma vez marcamos presença na Escola Comercial de Brotero. Este ano com a falta do Senhor Director que tinha para todos uma palavra de amizade. Para nós sempre nos deu as maiores facilidades e comodidades. Atencioso e resolutivo, aqui lhe deixamos os nossos maiores agradecimentos.

Substituiu-o o Senhor Dr. António Henriques, o qual já nos tem mostrado grande simpatia e proporcionado aquisição de livros. Esperamos, que nos ajude neste ano, em que, onze de nós estaremos a seu cargo e que nos ajude a pôr a render os nossos valores gaiatos.

Recordo o que me disse uma professora bastante preocupada, pela decisão que teria de tomar por um de nós: «Não sei que fazer ao José Manuel, (para nós Piriquito) que não o posso passar nas minhas disciplinas. Nunca reprovei um gaiato, pois os que tenho tido, têm dado bons valores de vós». Mas a sua consciência exigia-lhe justiça e fê-la. Mas que preocupação!

Provas de inteiro amor que jamais nos esquecerão. Este ano vamos dispostos a dar contas dos valores e tirar a impressão um pouco contraditória do ano anterior. Foi um ano de experiências como diz o Crisanto.

# MALANJE

Que angústia grande se apossou de mim quando, há tempos, tive de atravessar um concelho maior que as dioceses do Porto e Braga. Passei por várias sanzalas. Em todas, o mesmo abandono, a mesma ansia! «Só temos missa uma vez por ano»!

O dito concelho só tem um pároco!

Só uma vez por ano — a fiéis que querem e procuram Deus!

Dormimos.

Quando acordarmos, que encontraremos nessas sanzalas distantes?

Até agora nada lá chegava que pudesse carregar no botão e imprimir à forte seiva um rumo novo. Hoje, a quase todas, chega a máquina, o rádio, a imprensa.

Que novos rumos serão apontados a este mundo novo?

A tarde vai descendo! Os vindimadores não aparecem!

Mas há tantos sacerdotes na Metrópole a dar aulinhas que leigos podiam dar com o mesmo proveito e eficiência... E dezenas atendendo ao «guiché» os trâmites duma burocracia...

O padre daquele concelho já está velho e comido pelo reumatismo.

Uma missa por ano a fiéis que querem e esperam a Missa!

Dormimos.

De novo só entrará o João e o Manteigas. Todos continuarão excepto o Piriquito que não quer estudar. Marcaremos presença em todos os anos desde o 1.º ao 6.º.

É sempre para nós uma dificuldade tremenda a aquisição do material escolar indispensável. O ano passado consegui-o através da Fundação Gulbenkian que nos abriu as suas portas. E este ano? Não haverá ninguém que queira comprometer-se em nos oferecer o indispensável? Já temos livros para alguns, por isso não será necessário muito. Quem se levanta? Não haverá ninguém que queira dar ânimo e contribuir para a nossa valorização, valorizando-se a si próprio? Esperamos por vós.

Para o Colégio Pedro Nunes irá de novo o Barbosa, aonde a sua directora nos acolhe, a todos e sempre de braços e coração abertos.

O Fernando entrará no Magistério Primário e o Silva mais o Crisanto na Universidade.

Será um ano em cheio, se tudo nos proporcionar e se vós nos proporcionardes. Apelamos cheios de esperança. Esperamos que cada um de vós não nos esqueça.

Joaquim Sousa

## AZURARA

● Antes de começarmos propriamente esta crónica, queremos pedir desculpa aos nossos leitores pelo nosso silêncio. Pensarão os nossos amigos que o que nos têm dado, por intermédio dos nossos rapazes, não nos tem chegado à mão, ou então, não ligamos a devida importância. Se pensarem isto, têm muita razão, pois muitas vezes ao saborearmos as latas de sardinha de conserva, (que estão na base das ofertas) não nos lembramos da generosidade dos nossos benfeitores.

Eis, então, o que até ao presente tem chegado a este cantinho.

Uma fábrica muito amiga de Vila do Conde, que este ano, como nos mais, já distribuiu cerca de 100 latas pelos diversos turnos. Pelas mãos dos nossos dois vendedores poveiros, que pediram para fazer uma excursão pelas fábricas da Póvoa, muitas latas de sardinha e queijo. Não há dúvida que foram bem sucedidos! Que boas que elas eram! Um casal amigo, Lisboa, que, pelos vistos, passou suas férias perto de nós, ao terminar as ditas não se esqueceu de nós. Bateu-nos à porta com 1.000\$00, sendo 20\$00 para o «Pão dos Pobres» e o restante para ajudar as despesas das nossas férias. No final teve, ainda, palavras de muita simpatia. Obrigado amigos de Lisboa.

● **PRAIAS** — Apesar do tempo não estar muito a condizer com elas, os nossos rapazes não deixam de correr a tomar o seu banho e de se divertir, mesmo quando são surpreendidos pelo frio e até pela chuva, mas só de noite!...

Este ano as praias começaram mais tarde devido a incidentes verificados no último ano. Felizmente este ano tudo tem corrido melhor. Oxalá que o turno que vem em seguida, continue no mesmo ritmo, para que no ano seguinte possamos gozar as delícias da beira-mar.

Ao terminar queremos agradecer a todos os nossos benfeitores que mais directamente conosco colaboraram, pedindo a Deus para que nos anos próximos se não esqueçam de nós. Um muito obrigado também à nossa vizinha, Ti Maria, que apesar de pobre, nunca nos faltou com hortaliça quando dela tínhamos necessidade.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

P.e TELMO

BERNARDINO F. DA ROCHA